

limiars da liberdade¹

edson passetti & acácio augusto*

Personagens:

Corifeu

Homem 1, Anastas

Homem 2, Domingos Passos, Mulher 7

Homem 3, Presidente da seção eleitoral

Homem 4, Estátua

Voz do polícia (em off)

Homem 6, Immanuel Kant

Mulher 1, Nise da Silveira

Mulher 2

Mulher 3, Vera, Outra garota no Campo de concentração,

Anã, Poetisa

Mulher 4

Mulher 5

Mulher 6, Professora

Narrador (em off)

* Edson Passetti é Professor no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Coordena o Nu-Sol. Acácio Augusto é Professor de Ciência Política na Faculdade Santa Marcelina, mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisador no Nu-Sol.

Abertura

Elenco na arena dançando Chi chi, com Charlie Parker.

Silêncio.

Corifeu: “Parece mesmo que, lá onde reinam a simplicidade e a ordem, não pode haver teatro nem drama, o verdadeiro teatro nasce, como a poesia, por outras vias, de uma anarquia que se organiza, após as lutas filosóficas que são o lado apaixonante dessas primitivas unificações.”²

“ao contrário do caracol, a gente carrega a
casa dentro da gente, o que nos capacita a
voar, ou ficar para apreciar
tudo. Mas cuidado com o que for assustadoramente
belo.”³

1ª Parte

Paladas de Alexandria

Pendurados Homem 4, Homem 3, Homem 6. Coro na borda da arena.

Homem 1: “Muita coisa pode acontecer entre o cálice e o lábio.”⁴

Coro: TSSSSSSSSSSSS.

Limiares da liberdade

Homem 2: “A filha do gramático ajuntou-se e teve uma criança do gênero masculino, feminino e neutro.”⁵

Homem 1: “Só isso, a vida: um instante de prazer. Para longe, mágoas.
Se é tão breve a existência dos homens, que venha Baco...

Coro: “que venha Baco...

Homem 1: Com suas danças, coroas de flores, mulheres.

Homens 2, 3, 4 e 6:
“mulheres.

Homem 1: Hoje eu quero ser feliz — ninguém sabe nada do amanhã.”

Homem 4: Hoje eu quero ser feliz — ninguém sabe nada do amanhã.”⁶

Homem 2: “Nenhum magistrado apareceu que fosse
puro e bom,
duas noções provavelmente inconciliáveis;
benévolo é quem rouba, o puro está cheio de
arrogância:
ambas as qualidades [são órgãos do poder].”⁷

Homem 1: “Acaso estamos mortos e só aparentamos estar vivos?

Coro: “Acaso estamos mortos e só aparentamos estar vivos?...”

Homem 1: Nós gregos caídos em desgraça,
que imaginamos a vida semelhante a um sonho,
ou estamos vivos e foi a vida que morreu?”

Mulher 6: ou estamos vivos e foi a vida que morreu?”

Mulher 3: e foi a vida que morreu?”⁸

Homem 2: “Muita coisa pode acontecer entre o cálice e o lábio.”

Coro: TSSSSSSSSSSSS.

O maluco

Homens 1, Homem 2 e Coro.

Homem 1: “Saudações, maravilhosos meninos norte-americanos
chamados a lavar a lepra hereditária
irrompendo na sala quando o pai e a mãe viam
televisão
com uma saudável, perfeita apunhalada, com
um golpe de ferro na cabeça
(...) Saudações, jovens heróis, assassinos de um
tempo proxeneta.
Legítima defesa, rapazinho, estão tentando te
estuprar, te encurralam
(...) Vai derrota-os

Limiares da liberdade

não te vendo palavras, mata-os de verdade para
que vivam,
quero dizer: arranca-os pela raiz,
quebra em pedaços a roda das rodas, destrói a
cusparada da história
que masturba seus macacos ao ritmo das
máquinas da Time,

Coro: “Time Time Time...”

Homem 1: “que entroniza princesas de roleta católica,
que engendra putas para desprezá-las no leito
legítimo
com um desprezo que não irá jamais a um
almirante ou bispo.
Oh, crianças assassinas, oh, selvagens tochas
(...) Uma lata de gasolina, um fósforo e se
acabou; a fogueira é uma rosa,
começa a noite de São João, hosana!

Coro: “Hosana!

Homem 1: “Enquanto se viver assim no Grande Costume,
enquanto a história continuar sua cópula
gosmenta com a História
enquanto o filho for filho do Tempo
e preservarmos as efemérides podres
e os podres heróis de desfile,
os caras serão sombras, as cruzes serão Cristo,
a luz o amargo quilowat do amor (*Coro canta*
Let’s dance)
revanche e não leopardo.

Homem 2: (Alguns poucos, vivem se desacostumando.
São mortos aos montes, mas sempre

Há algum que escapa,
Que espera na saída da escola
Para incentivar o colegial de olhos de gelo
E lhe oferecer um canivete).”⁹

Coro: TRRRRRRRRRRR.

Cortazarianas

Homem 1, Homem 2, Coro, Mulher 1, Mulher 2, Mulher 5, Mulher 6, Homem 6 e Mulher 3.

Homem 1: “A diferença entre um doido e um maluco é que o doido tem a tendência de se achar cordato

Coro: “Cordato, cordato, cordato, cordato”

Homem 1: “enquanto o maluco, sem refletir sistematicamente sobre a coisa, sente que os cordatos são muito sementeira simétrica e relógio suíço,

Coro: “relógio suíço: tic-tac, tic-tac...”

Homem 2: ... os dois depois do um e antes do três, de maneira que sem emitir juízo, porque um maluco nunca é um bom-pensante (*Cessa o tic-tac, tic-tac...*) ou uma boa consciência ou um juiz de plantão, esse camarada continua o seu caminho por baixo da calçada e meio a contrapelo, e vai daí...

Limiares da liberdade

Coro: “(circulando pela arena) e vai daí, e vai daí, e vai daí.

Homem 2: ... e vai daí que enquanto todo o mundo freia o carro quando vê o sinal vermelho,

Homem 1: ... ele pisa no acelerador e Deus te livre.

Homem 2: Para entender um doido convém um psiquiatra,

Homem 1: ... mas nunca é suficiente; para entender um maluco basta o senso de humor.”¹⁰

Homem 2: Todo maluco é cronópio,

Coro: O quê?

Homem 2: Cronópio.

Mulher 1: Cronópio!?

Homem 2: “Todo maluco é cronópio, ou seja, o humor substitui parte das faculdades mentais que constituem o orgulho de um professor ou um doutor cuja única saída em caso de fala é a loucura, ao passo que ser maluco não é nenhuma saída, mas uma chegada.”¹¹

Silêncio. Todos sentam.

Homem 1: “A gênese do conto e do poema é contudo a mesma, nasce de um repentino estranhamento, de um deslocar-se que altera o regime ‘normal’ da consciência.”¹²

Homem 2: “A poesia continua sendo a melhor possibilidade humana de realizar um encontro que ninguém descreveu melhor que Lautréamont (*Coro cantarola*: I know it’s only rock’n roll but I like it) e que pode fazer do homem o laboratório central de onde algum dia sairá o definitivamente humano, a menos que antes disso todos nós tenhamos ido para a casa do caralho.”¹³ (*Coro repete*: But I like it).

Homem 1: “A única coisa imutável no homem é sua vocação para o mutável: por isso a revolução será permanente, contraditória, imprevisível, ou não será.

Coro: (*pula, agacha e repete*) Ou não será!

Homem 1: As revoluções-coágulo, as revoluções pré-fabricadas, contêm em si mesmas sua própria negação, o Aparelho futuro.”¹⁴

Homem 2 e Mulher 6:

“Nos oitenta mundos da minha volta ao dia há portos, hotéis e camas para os cronópios, e além disso citar é citar-se, como já disseram e fizeram mais de meia dúzia,

Homem 1: ... com a diferença de que os pedantes citam porque veste bem e os cronópios são terrivelmente egoístas e querem monopolizar seus amigos,

Homens 2 e 6, mulheres 1, 2 e 5:
... como eu."¹⁵

Homem 1: Como eu.

Mulher 6 e Mulher 5:
Como eu.

Homem 1: “Sempre serei criança para muitas coisas, mas dessas crianças que trazem em si o adulto desde o princípio, de maneira que quando o monstinho vira realmente adulto acontece que este por sua vez traz em si a criança, e *nel mezzo del camin* se dá uma coexistência poucas vezes pacífica de ao menos duas,

Coro: “duas,

Mulher 6 e Mulher 5:
[Nós duas...]

Homem 1: duas aberturas para o mundo.”¹⁶

“No entanto estou aqui, de porta aberta.
Depois sairei, sairemos, para construir a cidade.

Quem está disponível para a hora futura
Sabe que a vida vale a pena.”¹⁷

(*Coro canta e dança: Deus e o diabo de Caetano Veloso*).

Homem 2: *(sobe na pilastra)*
“Como isto só vai durar um dia, como isto só
vai durar um tempo ou dois
como isto e todo o resto se acaba, queira ou
não o Estado
ou o Indivíduo (esse pequeno Estado) isto se
acaba porque
já está nascendo o tempo aberto o tempo
esponja...”¹⁸

Homem 1: “Quanto a mim, tenho certeza de que só circunstâncias externas (uma música, o amor, um estranhamento qualquer) me isolam por um momento da consciência vigilante, isso que aflora e assume uma forma traz consigo a certeza total, um sentimento de exaltante verdade.

Homem 2: ... aquele momento em que Charlie Parker começa a voar *Out of Nowhere* (*ouve-se a música de Charlie Parker*).

Homem 1: Após beber os mares nos surpreende
que nossos lábios continuem secos como
as praias
e buscamos outra vez o mar para nele nos
molhar, sem ver
que nossos lábios são as praias e nós, o mar.”¹⁹

Limiares da liberdade

Mulher 2: “abandonar tudo, conhecer praias, amores novos.
poesia em cascatas floridas com aranhas
azuladas nas samambaias.

Mulher 3: todo trabalhador é escravo. toda autoridade
é cômica. fazer da anarquia um
método & modo de vida.

Mulher 2: estradas.

Mulher 3: bocas perfumadas.

Mulher 2: cervejas tomadas
nos acampamentos.

Mulher 2 e Mulher 3:
Sonhar Alto.”²⁰

A terceira margem

*Homem 1, Homem 2, Homem 6, Homem 3, Homem 4, Mulher 1,
Corifeu e Coro.*

Homem 1: “Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, posi-
tivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo
que testemunharam as diversas sensatas pessoas,
quando indaguei a informação. Do que eu mesmo
me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem
mais triste do que os outros, conhecidos nossos.
Só quieto. (...) Mas se deu que, certo dia, nosso pai
mandou fazer para si uma canoa (...).

Homem 2: Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Homem 6: “comprida longa.

Homem 2: Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio,

Homem 6: “de meio a meio,

Homem 2: “sempre dentro da canoa, para dela não saltar nunca mais.

Homem 6: “nunca mais.

Homem 2: A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de toda gente. Aquilo que não havia, acontecia.”²¹

Homem 3 e Homem 4:

“aquilo que não havia, acontecia.”

Mulher 1: “Em meu país, as provas tenras da primavera e as aves mal vestidas são preferíveis às metas longínquas. A verdade aguarda a aurora ao lado de uma vela. Negligencia-se vidros e janelas. Não interessa ao atento.

Limiares da liberdade

Em meu país, não se questiona um homem
comovido.
Não há sombra maligna sobre o barco virado.
Bom-dia mal dado não se conhece em meu país.
Só se pede emprestado o que pode voltar
dobrado.
Há folhas, muitas folhas, nas árvores de meu país.
Os galhos são livres para não ter frutos.
Não se crê na boa fé do vencedor.
Em meu país, se agradece.”²²

Corifeu: (*Coro em movimento*) “Ocorre com frequência que as reais tragédias da vida acontecem de tal maneira, sem qualquer apelo artístico, que elas nos ferem por sua violência crua, sua absoluta incoerência, sua absurda ausência de sentido, sua completa falta de estilo. Elas nos afetam assim como a vulgaridade nos afeta. Elas nos dão uma impressão de pura força bruta, e nós nos revoltamos contra isso. Por vezes, entretanto, uma tragédia que possui elementos artísticos de beleza atravessa nossas vidas (*cessam os movimentos*). Se esses elementos de beleza são reais, tudo simplesmente desperta nossa percepção de efeito dramático (*retomam os movimentos*). De repente, nos damos conta que não somos mais os atores, mas os espectadores da peça. Ou melhor, que somos ambos.”²³

Black-out.

2ª Parte

Campo de concentração

Corifeu: “Ergueu-se a muralha
em volta do povo
bodes se matavam
chifre contra chifre.”²⁴

Gueto

Mulher 2, Mulher 6, Mulher 3, Mulher 1, Homem 3, Coro, Homem 1.

Mulher 2: “É verdade que o capitalismo manteve como constante a extrema miséria de três quartos da humanidade, pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento: o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas.”²⁵

Mulher 6: “Cunhado por derivação do italiano *giudecca*, *borghetto* ou *gietto* (do alemão *Gitter* ou do hebreu talmúdico *get*), a palavra “gueto” se referia inicialmente à consignação forçada de judeus a distritos especiais por parte das autoridades políticas e religiosas da cidade. Na Europa medieval, os judeus eram comumente alocados em bairros onde residiam, administravam seus próprios negócios e viviam segundo seus costumes. (...) No entanto, entre os séculos XIII e XVI, como réplica aos motins causados pelas Cruzadas, o benefício aos poucos se transformou em obriga-

Limiares da liberdade

ção. (...) Os judeus tinham autorização para sair durante o dia para exercer suas ocupações, mas tinham de vestir um traje distintivo e retornar para o interior do recinto antes do pôr do sol, sob pena de graves punições (...).”²⁶

Mulher 3: O uniforme! A identificação; a acusação; a peste...

Mulher 1: “(...) O *Judenstadt* de Praga, o maior gueto da Europa no século XVIII, tinha sua própria prefeitura — o *Rathaus*, símbolo da relativa autonomia e de força comunitária de seus residentes — e suas sinagogas se encarregavam não só da direção espiritual como da supervisão administrativa e judicial da população. A vida social do gueto judeu era voltada para seu interior e tendia à sobreorganização, de maneira que reforçava tanto a integração interior como o isolamento em relação ao exterior (...).”²⁷

Mulher 3: Endogamia; amor separado; amor por si; amor de si; tanto amor para perdão e traição, desespero e holocausto. Separados eles permanecem juntos até que um poder de fora alicie um poder de dentro, levando destruição e auto-aniquilamento: no gueto só há vida provisória!

Mulher 1: No gueto só há vida provisória! (*Ouve-se Strange fruit com Billie Holiday.*)

Mulher 2: “(...) Os afro-americanos não tiveram outra escolha senão buscar refúgio no perímetro restrito do Cinturão Negro e tentar desenvolver ali uma

rede de instituições próprias, capaz de satisfazer as necessidades básicas da comunidade exilada.

Mulher 1: Surgiu, assim, uma cidade paralela, ancorada em igrejas e jornais negros, lojas maçônicas e clube de bairros negros, escolas e empresas negras, associações políticas e civis negras, aninhada no coração da metrópole branca...

Mulher 2: ... e, no entanto, hermeticamente separada dela por uma cerca intransponível, feita de costumes, pressão legal, discriminação econômica (por agentes imobiliários, bancos e Estado) e violência, que se manifestava em agressões e espancamentos, incêndios punitivos e levantes contra aqueles que ousavam se aventurar do outro lado da linha de demarcação racial (*color line*)."²⁸

Mulher 6: Hoje pelos direitos de minorias, os chamados direitos de terceira geração, e depois da formação de sólidas linhagens de vida confinada já se pode sair e entrar *na paz*. Sair para o trabalho; entrar como turista. A raiva de cada um se transforma em amor pelo local; o medo do gueto em amor pela identidade.

Mulher 3: Vivemos pela sensação de estar vencendo. (Pausa) O quê?

Homem 3: O inimigo imediato... o passado, a separação... o terror.

Limiares da liberdade

Coro: O terror!

Mulher 3: “O terror é a homenagem que solitários rancorosos rendem à fraternidade dos homens.”²⁹

Homem 1: Não há terror sem irmandade, sem o que nos identifica e que nos é insuportável. Na irmandade está o apreço insustentável pelo amor. E onde há amor há tolerância com o outro desde que ele seja nosso espelho e se reconheça inferior. (*Volta Strange fruit*). Não se queira com identidade, com nenhuma; pronuncie um não afirmativo pra você e me responda: “pode a vida genuína acontecer sem alguma loucura, algum excesso?”³⁰ Nada acaba fora se não estiver arruinado dentro. O incompatível não é uma mera questão filosófica.

Arquipélago

Homem 2 e Homem 1.

Homem 2: “A todas as horas para lá voam aviões, navegam barcos e marcham trens sem que neles se veja uma só inscrição que indique o lugar de destino. (...) Aqueles que vão dirigir o arquipélago chegam lá por intermédio da Escola do Ministério do Interior. Aqueles que vão ser guardas no arquipélago são convocados por intermédio de seções militares. Aqueles que vão morrer, como você ou eu, esses devem passar infalível e exclusivamente pela detenção.

Homem 1: (...) Nem com a vista nem com o pensamento tentamos penetrar no que há por trás, quando é ali mesmo, bem perto, a dois metros de nós, que começa. Nem ainda distinguimos, nesses tapumes, a inúmera quantidade de portas estreitas e bem ajustadas, bem camufladas. Todas, todas essas portas foram preparadas para nós! E eis que uma se abre rápida e fatal, e que quatro mãos brancas, masculinas, não habituadas ao trabalho, mas como garras, nos prendem pelas pernas, pelos braços, pelo colarinho, pelo boné ou por uma orelha e nos arrastam como um fardo, enquanto a porta fica para trás de nós, a porta da nossa vida passada, fechada para sempre. E é tudo!"³¹

Homem 2: "As milhares de ilhas desse enfeitado arquipélago (...) são invisíveis, mas existem, e é de modo invisível mas constante que se deve transportar, de ilha em ilha, escravos também invisíveis, embora estes tenham carne, volume, peso. Mas como transportá-los? E por que meios? Há para isso grandes portos: as prisões de trânsito; e outros menores: os campos de trânsito. Há também navios de aço bem fechados."³²

Homem 1: "Num instante, todos os hábitos de convivência humana em que se tinha vivido estalam e se quebram."³³

Homem 2: "Os condenados devem compreender que a sua maior culpa residiu na tentativa de comunicarem ou unirem-se de qualquer forma uns com os outros, fora do controle do organizador."³⁴

Limiares da liberdade

Theresienstadt

Narrador (em off), coro de mulheres, Coro, Mulher 1, Mulher 2.

Narrador (em off):

“Durante a Guerra, alguns rumores sobre os episódios horríveis e extremos perpetuados sob o Terceiro Reich se espalharam pelo mundo. Os nazistas precisaram responder a esta preocupação crescente principalmente em relação aos judeus e no entanto continuar com a sua *solução* para a questão judaica. Então, foi mostrado ao mundo que Hitler reformou uma cidade especialmente para os judeus em final de 1941, para protegê-los das pressões da guerra. Isso ocorreu em Terezín, cidadezinha do século XVIII, perto de Praga.

Coro de mulheres:

PRAGA! PRAGA!

Mulher 1: (...) Para lá foram mandados músicos famosos, cientistas, escritores, artistas, líderes políticos, todos na maioria judeus. Antes da guerra, a cidade contava com 5 mil pessoas. No auge da guerra, o campo de concentração/ghetto Terezín chegou a contar com 55 mil residentes. A fome e epidemias se mostraram avassaladoras, milhares morreram, os cadáveres eram queimados em crematórios com fornos de gás.

Coro: TSSSSSSSSSSSS.

Mulher 2: (...) A Cruz Vermelha foi uma vez autorizada a visitar Terezín para checar denúncias de que os judeus estavam sendo maltratados. A cidade passou a ser arrumada e enfeitada para a ocasião. (...) As vitrines de lojas ao longo daquele percurso cuidadosamente vigiado apareceram lotadas de produtos naquele dia. (Depois da visita, os nazistas ficaram tão impressionados com sua façanha propagandística que decidiram fazer um filme no local). (...) A Cruz Vermelha reportou secamente que, apesar das condições de guerra terem tornado a vida difícil, viver em Terezín era aceitável, considerando-se todas as pressões. A Cruz Vermelha concluiu que os judeus eram bem tratados.”³⁵

Um preto anarquista

Polícia (em off), Domingos Passos, Homem 2 e Homem 1...

Polícia (em off):

Nome?

Domingos Passos:

Domingos Passos, militante anarquista do Rio de Janeiro.

Polícia (em off):

Cor?

Domingos Passos:

Preto.

Polícia (em off):

Destino?

Domingos Passos:

... deportação para o Oiapoque [Amapá, ano] 1924.

Homem 2: “Passos foi um dos raros deportados que conseguiu fugir daquele inferno graças a seu espírito de luta, a sua decisão e a sua resistência física (*Coro batendo os pés*). Pôde realizar essa façanha porque a vigilância não era rigorosa, uma vez que se sabia que, todo fugitivo que se aventurasse pelas matas morreria de fome, de sede e geralmente comido pelas feras. Teve de atravessar rios a nado, alimentar-se de ervas silvestres e comer a casca de uma árvore conhecida na região para combater a terrível febre palustre ali adquirida e que graçava na região da Clevelândia. (...) Quando foi deportado para o Oiapoque já havia percorrido a maioria dos estados do Brasil, e em todos eles conhecia as prisões. (...) Quando Domingos Passos chegou a São Paulo fugido das terríveis regiões inóspitas da Clevelândia, a campanha [para a libertação] de Sacco e Vanzetti estava em franco andamento. (...) Muitas vezes teve de abandonar apressadamente as nossas reuniões, tremendo e ardendo em febre, para ir acamar-se em sua casa até a crise da palustre passar.”³⁶

Homem 2 canta Jorge da Capadócia, de Jorge Ben.

Homem 1: “Enquanto tu e eu tivermos lábios e vozes que
Servem para beijar e cantar
Que importa que um qual quer limitado filho
da mãe
Invente um instrumento que sirva para medir
a primavera?”³⁷

Uma criança

Homem 3, A professora, Anastas e Vera.

Homem 3: “‘Aquele que recorda o passado perde um olho.
E aquele que o esquece perde os dois!’ (...) A polí-
tica dos Gulags, colocada já para Lênin, era uma
questão de ‘profilaxia social’ que devia se esten-
der a crianças e jovens. A caça aos anarquistas
passou a se entrelaçar com a caça a crianças e
jovens.

A professora: O berçário também era parte do complexo do
campo. Tinha sua própria guarita, seus próprios
portões, seus próprios barracões, seu próprio
aramé farpado. (...) ‘Quando [tentei] ensinar
algo às crianças sob [meus] cuidados, [consta-
tei] que apenas uma ou duas — aquelas que ha-
viam mantido algum contato com as mães — se
mostravam capazes de aprender alguma coisa.
E mesmo a experiência dessas poucas crianças
era limitadíssima: ‘Olhe’, Anastas, [e mostrei a
casinha que desenhei] O que é isso?’

Anastas: ‘Alojamento.’

Limiares da liberdade

A professora: Com algumas canetadas, pus um gato ao lado da casa. Mas ninguém, nem mesmo Anastas, reconheceu o bicho. Nunca tinham visto aquele animal raro. Aí desenhei uma cerca rústica, tradicional, em volta da casa. (*Silêncio*) ‘E o que é isso?’

Vera: ‘A zona prisional’ (*[ela] gritou encantada*).”³⁸

Uma dieta

Narrador (em off), Homem 3, Coro, Homem 3, Outra garota no Campo de concentração, Homem 4, Anastas.

Narrador (em off):

“Há pouco tempo, a veracidade de um episódio particularmente horripilante, que durante muito tempo fora parte do folclore dos sobreviventes dos campos, viu-se confirmada por um documento encontrado nos arquivos de Novossibirsk. Assinado por um funcionário do Comitê do Partido em Narym, na Sibéria ocidental, e enviado à atenção pessoal de Stalin em maio de 1933, descreve com precisão a chegada à ilha de Nazino, no rio Ob, de um grupo de camponeses desterrados, descritos como “elementos retrógrados.”

Homem 3: “O primeiro comboio trazia 5.070 pessoas, e o segundo, 1.044. Ao todo, 6.114.”

Coro: Seis mil cento e quatorze elementos retrógrados.

Homem 3: “As condições de transporte eram chocantes: a pouca comida disponível não estava em condições de consumo, e os deportados ficavam apinhados em espaços nos quais o ar quase não circulava. (...) O resultado foi uma mortalidade diária de trinta e cinco a quarenta pessoas. Contudo, essas condições de vida eram luxuosas se comparadas ao que aguardava os deportados em Nazino.

Outra garota no Campo de concentração:

(...) A ilha é um lugar totalmente desabitado, desprovido de povoações de qualquer tipo. (...) Não havia ferramentas, sementes nem comida. Foi assim que começou a nova vida.

Homem 4: Em 19 de maio, no dia seguinte à chegada do primeiro comboio, recomeçou a nevar, e o vento ficou mais forte. Famintos, emaciados após meses de alimentação insuficiente, sem abrigo e sem ferramentas (...), estava [mos] presos em uma armadilha. Nem sequer conseguia [íamos] acender fogueiras para espantar o frio. Começam[os] a morrer em número cada vez maior. (...)

Outra garota no Campo de concentração:

No primeiro dia enterraram-se 295 pessoas. Foi somente no quarto ou quinto dia depois da chegada do comboio à ilha que autoridades enviaram de barco um pouco de farinha, não mais que algumas libras por cabeça. Depois de recebida a mísera ração, as pessoas corriam para a margem e tentavam misturar um pouco de farinha com água, usando seus chapéus, suas calças ou seus casacos. A maioria [de nós] simplesmente tentou

ressuscitassem, o preencheriam, e então você será como um pedregulho perdido na estepe.”⁴⁰

Mulher 1: “Ainda há povos e rebanhos, em algum sítio, mas não entre nós: aqui há Estados (...). *(Pausa)* Chama-se Estado o mais frio de todos os monstros frios. E com toda a frieza, também mente; e esta mentira sai rastejando da sua boca: ‘Eu, o Estado, sou o povo!’ É mentira! Criadores, foram os que formaram os povos e suspenderam por cima deles uma fé e um amor; assim serviram a vida. Destruidores, são os que preparam armadilhas para muitos e as chamam Estado; e suspendem por cima deles uma espada e cem cobiças. Onde ainda existe um povo, este não compreende o Estado e o odeia como má sorte e ofensa aos costumes e à justiça (...).

Mulher 5: “(...) a caridade é uma forma inadequada e ridícula de restituição parcial, uma esmola sentimental, geralmente acompanhada de uma tentativa impertinente, por parte do doador, de tyrannizar a vida de quem a recebe.”⁴¹ Não tenhamos compaixão de nós. Não tenha compaixão de mim.

Corifeu: (...) Onde cessa o Estado, somente ali começa o homem que não é supérfluo, ali começa o canto do necessário, essa melodia única e insubstituível.”⁴²

Ouve-se A base de Guantánamo, com Caetano Veloso; elenco se despe, explode Guantánamo e sai para a plateia como bando de guerrilheiros armados. Ao final da música ingressam na arena, vestem-se cantando Batucada de bamba de Ataulfo Alves.

3ª Parte**O voto e os filósofos**

O presidente da seção eleitoral, Anã, Homem 1, Coro, Estátua, Mulher 1, Mulher 5, Immanuel Kant, Mulher 4, Mulher 6, Homem 2 e Coro de mulheres.

Coro caminha desencontrado pelo espaço. Cada um procura a fila de sua seção eleitoral.

O presidente da seção:

Lamento informar mas as urnas quebraram. “Podem ir embora. Não há previsão se a urna voltará a funcionar. Vocês têm 60 dias para justificar o voto.”

Anã: Logo na minha vez, parece discriminação!

Homem 1: Como assim? Justificar o quê, se eu vim até aqui, o voto não é obrigatório? Que porra de democracia é essa, que obriga a votar, exige que me justifique, que saco! Além do mais, foi a máquina que quebrou.

Coro: Que porra de democracia é essa, que obriga a votar, exige que me justifique, que saco!

Estátua: Eu daqui do alto vos saúdo!

Coro: Cala a boca!

Mulher 1: Você já viu estátua falar?

O presidente da seção:

Tem que justificar porque faz parte do procedimento.”⁴³

Homem 1: E você só está fazendo seu trabalho, né?

Anã: Japa, traz uma água aí, porque eu não alcanço... o “bebedor”.

Mulher 5: Ei anã, você quer ser chamada de verticalmente prejudicada e me chama de “japa”? Minha mãe me disse que eu não sou “japa” e que não tenho sotaque do interior (*forçando o sotaque interiorano paulista*). E fique sabendo que não é bebedor, mas bebedouro!

Anã: Ai, colega, magoei!

Mulher 5: Onde cabe tanta água em tamanha altitude?!

Anã: Que falta de coleguismo!

Estátua: Cidadãos, do alto desta pirâmide, quatro séculos de história vos contempla.

Limiares da liberdade

Mulher 1: Já não disse que monumento não fala? Este (para a plateia referindo-se à estátua de Napoleão Bonaparte) também era anão... Vou te mostrar outra maneira de perder a guerra! (volta-se para a plateia) Informação histórica: está é uma história baseada em fatos reais. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Immanuel Kant:

Sabe quem eu sou mocinha?

Mulher 4: Você conhece esse senhor?

Mulher 1: Não sei... será o presidente da outra seção?

Immanuel Kant:

Você sabe que eu saí da minha cidade só para vir votar, aqui onde fui designado.

Mulher 1: O cara é doido, saiu da cidade dele para votar. Então você não é o presidente.

Immanuel Kant:

Eu sou um filósofo.

Mulher 1: Mas nada prático.

Mulher 4: Ih, ele me parece purinho, purinho.

Mulher 1: Olha uma barata! (*O filósofo desmaia*).

Homem 2: Epa, que biozona!

Mulher 6: Deixa que eu reanimo. Fiz “falculdade”, tenho certificado, fiz o curso Florence Nightingale. Tradução: “rouxinol de Florença”.

Immanuel Kant:

Dia de eleição é dia de lei seca.

Mulher 4: Sabe... ele até que é bonitinho.

Mulher 6: Eu também acho.

Anã: Eu sou anã, mas não sou míope!

Mulher 1: Neste caso, miúda, fecho com você! Prático para ele é ser puro.

Homem 2: Tô seco por uma cerveja. Tá um puta calor... Esse cara é americano?

Mulher 4: Deixa eu pensar.

Mulher 1: Você já viu filósofo americano?

Limiáres da liberdade

Mulher 4: É mesmo. Esse cabeludo (*Homem 2*) está me confundindo.

Homem 2: (*Para Mulher 4*) Deixa que eu te esclareço. Qual seu nome?

Mulher 4: Folgado.

Immanuel Kant:

Dá licença que eu vou pegar o meu ônibus para voltar para Königsberg.

Mulher 6: Você não vai me convidar? Ai, me conta a cláusula secreta da paz perpétua!

Immanuel Kant:

Você está parecendo uma Maria Anpocs, uma alpinista acadêmica.

Mulher 6: (*Tocando na genitália do filósofo*). Eu só quero conferir seu Lattes.

Coro de mulheres:

Au, au!

Homem 1: E aí... espera um pouco. Você vai embora agora? Nunca saiu daquela porra de aldeia, veio cumprir sua responsabilidade de cidadão, e agora vai afinar?

Immanuel Kant:

Você sabe que o cidadão é livre para discordar da lei, mas tem de obedecer.

Homem 2: Obedecer, obedecer. Assim eu perco a cerveja, a bonitona lá de trás...

Mulher 4: Vamos dizer que você não pode perder o que não ganhou. Certo?

Homem 2: Eu queria que você fosse minha!

Mulher 4: Minha, minha. Minha-sua. Eu não queria estar aqui, nem justificar, nem votar, entendeu? "Tá achando que eu quero que alguém faça por mim? Errado."

Homem 2: Adoro mulher brava...

Anã: Adoro homem alto! (*para Homem 2*).

Homem 2: Minha causa é você! (*para Mulher 4*).

Mulher 4: Me poupe! E quer saber de uma coisa (*abre a bolsa, retira o título de eleitor e o faz em pedacinhos*). E aí?

Mulher 2: "Cada um de nós tem o seu governo interior: tudo o que vem de fora, não constituindo uma nota de beleza, de harmonia vibrando em uníssono com a nossa harmonia, é violência que

Limiares da liberdade

gera violência, é ódio que gera ódio. Mandar como obedecer, é covardia: degrada, avilta, imbeciliza.”⁴⁴

Homem 1: “Talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos.

Mulher 1: A conclusão seria que o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar liberar o indivíduo do Estado nem das instituições do Estado...”⁴⁵

Homem 1: “Resistir também não é mais uma atitude que ocorre em lugares ou atravessa a estratificação. É preciso se desdobrar velozmente. É preciso ser intenso, virar vacúolo. (...) Outras (...) *associabilidades*. Diante da ideia, o fato; da perfeição, o imperfeito; da utopia a heterotopia; do futuro, o presente; da fraternidade, a amizade.”⁴⁶

Coro: (*Voltado para a plateia, mostra o título de eleitor, cada um diz*) Tá vendo? E aí. (*Depois pica o seu e atira os pedaços para o alto*).

Anã: (*Corre para o centro da arena*) Tá vendo, também piquei!

Mulher 4: (*Encara a plateia do centro do palco e diz*) E aí?

Black-out.

Um sonho

Narrador (em off) e Anastas.

Narrador (em off):

Qual seu sonho?

Anastas: Fazer 18 anos.

Ouve-se Romaria, de Renato Teixeira, Vera se aproxima e pega na mão de Anastas; mais tarde Homem 3 se posiciona do outro lado de Anastas: “como não sei rezar/só queria mostrar/meu olhar/meu olhar/meu olhar...”

Limites

Papo de dondocas

Mulher 3, Mulher 7, Mulher 4 e Mulher 6.

Mulher 3: “Diante da crise, o meu [marido] que fala pelos cotovelos, ficou mudo.

Mulher 7: O meu dormia e acordava com a TV na Bloomberg. Começou a tomar remedinho pra dormir, apareceram alguns cabelos brancos.

Mulher 3: No meu, teve um agravante: ele perdeu o ânimo. A gente parou de sair. E meu marido é ‘o incluído social’. São três almoços todo sábado. Não

Limiares da liberdade

que eu não goste de ir, mas a gente vai por algo além do prazer. Ele acha que precisa. (...) [Por conta disso] Temos uma regra em casa. Tudo pode faltar, menos a babá.

Mulher 4: O meu perdeu aquela alegria. Nas férias, a gente viajou pra dentro do Brasil. Foi um lugarzinho bárbaro, em Santa Catarina. Era mais pra não gastar dinheiro.”

Mulher 7: Que pobreza!

Mulher 3: Pra não gastar em dólar, né?

Mulher 4: Os homens se uniram.

Mulher 4: O meu, de primeiro, ficou irritado; depois, carente.

Mulher 7: Em casa, ele dizia: ‘Vamos evitar esse assunto?’.

Mulher 3: Amigas, nossas histórias são café pequeno perto de outras. Tenho uma conhecida que a vida do marido acabou. Ele perdeu dinheiro aplicado da família inteira. Da irmã milionária, do irmão triliardário. Esse cara é mais velho, quase 50, daquela fase que os nossos meninos não pegaram, em que um cara, com 30 anos, já tinha feito US\$ 2 milhões.

Mulher 6: [Já dá até para ter filhos!]

Mulher 3: Ôpa! A coisa mais comum nesse meio é ouvir: 'Como assim, você vai ter um filho antes de fazer o primeiro milhão de dólares?'

Mulher 7: É papo de menino. É o equivalente a: 'Como você não tem uma enfermeira, só uma babá?,' valoriza o status proporcionado.

Mulher 3: [Assim como] O carro, o relógio, o sapato.

Mulher 7: Principalmente o carro.

Mulher 3: Quando eu comecei a namorar, eu achava que ele era milionário. Eu nasci bem, morei em Nova York, mas, mesmo assim, ele me impressionou. Pensei: "Que sorte encontrar um cara lindo, rico...". Ele morava sozinho em um apartamento enorme, e era chiquérrimo nos detalhes: na abotoadura, no bico do sapato. Ele sempre diz: "Para alguém colocar o dinheiro comigo, tem que acreditar que eu sou muito rico, muito próspero".

Mulher 4: O meu ama vinho."

Mulher 7: Emergente!

Mulher 4: "Tem duas adegas, que deram uma boa esvaziada. E, no auge [da crise], ele não repôs. Só agora, recentemente.

Mulher 6: O meu dizia: 'Você não sabe como eu tô pobre!'. Eu o animava. Outro dia fomos comer num japonês que é mais carinho e vivia lotado, estava vazio. Mas a gente tava lá." Eu não vi você lá, baby (*para Mulher 7*).

Mulher 3: "90% do mercado financeiro faz pólo. Na crise, meu marido não jogou nenhuma vez. Custa uma fortuna. Tem que ter sete cavalos. Então, nessas sutilezas é que você sente a crise.

Mulher 6: Uma amante faz parte do arsenal de status do investidor.

Mulher 4: Claro, de todos. Mas eu não penso nisso.

Mulher 3: Não é coisa de investidor, é de homem."

Mulher 7: Pode parar! Isso já é discriminação!

Mulher 3: "É até feio falar, mas a ex-namorada dele era uma 'baianinha'. Tenho certeza de que o fato de eu ter morado no mundo inteiro, falar línguas, conhecer pessoas o levou a pensar: 'Você ficar com esse fim de mundo [a 'baianinha'] ou fazer essa troca?' E me escolheu."⁴⁷

Silêncio prolongado. Black-out.

Outro sonho

Narrador (em off):

Qual seu sonho?

Silêncio.

Ouve-se Variations XXVI-XXVII Beethoven, por Glen Gould.

A surra

Narrador (em off) e Nise da Silveira.

Narrador (em off):

Nise da Silveira, mulher subversiva.

Mulher 1: “(...) ‘Nos livros, lia-se que os esquizofrênicos não possuíam afetividade. Fiquei muito desconfiada... Morando no hospital, compreendi que não havia nada disso. Eu vi e senti que eles possuíam sensibilidade; o problema era *como vir à tona*. Logo após me mudar para lá, uma das internas, que se chamava Luíza, foi se tornando minha amiga. Ela não falava, mal se expressava. Me olhava, de longe. Aos poucos, tentei uma aproximação, comecei a conversar [com ela]. Com o tempo, se apegou a mim. Era considerada, por todos os médicos, uma completa idiota, imprestável. Então deu-se uma coisa curiosa: Luíza começou a me trazer o café da manhã por iniciativa própria. Bem cedo, pelas

Limiares da liberdade

quatro da madrugada, ela batia na porta do meu quarto. Eu não acordava tão cedo assim. Tinha o sono pesado, sempre tive. Por isso, era difícil levantar e abrir a porta. Então, inventei a seguinte coisa: eu dormia com um barbante perto da cama, ele ficava ligado à maçaneta da porta. Quando Luíza chegava eu puxava o fio, a porta se abria e ela entrava com o meu café da manhã, para me agradar. Silenciosa, colocava a bandeja em cima da mesa, para eu comer depois. Sentava-se em uma cadeira, num cantinho do quarto, esperando que eu acordasse. Então, eu tomava o café frio... paciência. Valia a pena. Assim era nossa amizade.' Foi exatamente a louca Luíza que, após saber, em março de 1936, que [eu] sua amiga Nise fora presa pela ditadura de Getúlio Vargas, deu provas de sua lealdade. Quando lhe contaram que a detenção se deu por conta da delação de uma enfermeira da ala Morel, se vingou da delatora, dando-lhe uma surra triunfal. (...) Afinal, a maldita enfermeira arrancou de Luíza sua única amiga naquele hospício. 'Aquela surra foi histórica. Mudou os rumos da psiquiatria...' (...) Me contaram que ela bateu para valer, só não matou a outra porque os enfermeiros seguraram. E depois dizem que esquizofrênicos não têm sentimentos, são *anafetivos*... Não sei de onde tiraram essa ideia idiota de que esquizofrênico é indiferente. Não é não..."⁴⁸

1964

Homem 2: Nenhuma ditadura começa ou acaba com golpe, decretos, leis, votação. Teria sido uma grande mentira, aquele 1º de abril de 1964? Uma ditadura é sempre ditadura.

“Céu escuro...
Por que não limpas...
E iluminas o meu mundo...”⁴⁹

Hoje

Poetisa:

“pelo mar,
viagem

do convés, o vento

desenho no azul
atlântico
água

fluida, a trilha incerta
antes que em
terra, firme lembrança

náusea, odor
de algas.”⁵⁰

À espera dos bárbaros

Homem 1 e Narrador (em off).

Homem 1 e Narrador (em off):

“O que esperamos na ágora reunidos?
É que os bárbaros chegam hoje.

Limiares da liberdade

Por que tanta apatia no Senado?
 Os senadores não legislam mais?
 É que os bárbaros chegam hoje.
 Que leis hão de fazer os senadores?
 Os bárbaros que chegam as farão.

Por que o imperador se ergueu tão cedo
 E de coroa solene se assentou
 Em seu trono, à porta magna da cidade?

É que os bárbaros chegam hoje.
 O nosso imperador conta saudar
 O chefe deles. Tem pronto para dar-lhe
 Um pergaminho no qual estão escritos
 Muitos nomes e títulos.

Por que os dois cônsules e os pretores
 Usam togas de púrpura, bordadas,
 Pulseiras com grandes ametistas
 E anéis com tais brilhantes esmeraldas?
 Por que hoje empunham bastões tão preciosos
 De ouro e prata finamente cravejados?

É que os bárbaros chegam hoje,
 Tais coisas os deslumbram.

Por que não vêm os dignos oradores
 Derramar o seu verbo como sempre?

É que os bárbaros, chegam hoje
 E aborrecem arengas, eloquências.

Homem 1:

Por que subitamente esta inquietude?
 (que seriedade nas fisionomias)

Por que tão rápido as ruas se esvaziam
E todos voltam para a casa preocupados?

Por que é já noite, os bárbaros não vêm.
E gente recém chegada das fronteiras
Diz que não há mais bárbaros.

Sem bárbaros o que será de nós?
Ah! Eles eram uma solução."⁵¹

1º de janeiro

Homem 2.

Homem 2: "Hoje percebo que o que escrevi ontem na verdade escrevi hoje: tudo que correspondia a 31 de dezembro escrevi no dia 1º de janeiro, isto é, hoje, e o que escrevi dia 30 de dezembro é o que escrevi dia 31, isto é, ontem. Na realidade, o que estou escrevendo hoje escrevo amanhã, que para mim será hoje e ontem, e também de certo modo amanhã: um dia invisível. Mas sem exagerar."⁵²

Livres e firmes

Homem 1.

Homem 1: "Que a minha mão não trema
ao deitar no fogo forte e primitivo
todos os traidores que me deram veneno.

Limiares da liberdade

(...)

E só ficará comigo
o riso rubro das chamas, alumando o preto
das estantes vazias.
Porque eu só preciso de pés livres,
de mãos dadas,
e de olhos bem abertos.”⁵³

My way, por Sid Vicious, elenco dança.

Silêncio.

Elenco compõe uma mandala ao som de Creep, com Radiohead.

Fim

Notas

¹ Aula-teatro 5 do Nu-Sol. Pesquisa de texto por: Acácio Augusto, Anamaria Salles, Andre Degenszajn, Beatriz Carneiro, Bruno Andreotti, Edson Passetti, Eliane Knorr, Gustavo Ramus, Gustavo Simões, Lucia Soares, Mauricio Freitas, Salette Oliveira, Thiago Rodrigues. Com Acácio Augusto, Aline Passos, Anamaria Salles, Andre Degenszajn, Beatriz Carneiro, Edson Passetti, Eliane Knorr, Gustavo Ramus, Gustavo Simões, Klaus Peter Warkentin, Lucia Soares, Luiza Uehara, Mauricio Freitas, Salette Oliveira, Thiago Rodrigues. Produção gráfica: Andre Degenszajn. Operador de Luz: Thiago Rodrigues. Operador de Som: Bruno Andreotti. Sonoplastia: Vitor Osório (convidado). Preparação corporal e coreografias: Juçara Amaral (convidada). Trilha sonora: Edson Passetti e Acácio Augusto. Coordenação e ambientação: Edson Passetti. A versão deste texto confere com a última apresentação em 9 de junho de 2009, no Tucarena-São Paulo.

² Antonin Artaud. *O teatro e seu duplo*. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo, Max Limonad, 1984.

³ John Cage. *De segunda a um ano*. Tradução de Rogério Duprat e Augusto de Campos. São Paulo, Hucitec, 1985, pp. 105-106.

- ⁴ Paladas de Alexandria. *Epigramas*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo, Nova Alexandria, 2001, p. 59.
- ⁵ Idem, p. 57.
- ⁶ Ibidem, p. 47.
- ⁷ Ibidem, p. 57.
- ⁸ Ibidem, p. 71.
- ⁹ Julio Cortazar. “Aumenta a criminalidade infantil nos Estados Unidos” in *A volta ao dia em 80 mundos, vol. 1*, (1967). Tradução de Ari Roitman e Paulina Wach. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008, pp. 91-95.
- ¹⁰ Julio Cortazar. *Último round, vol. 2*, (1969). Tradução de Ari Roitman e Paulina Wach. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008, pp. 128-130.
- ¹¹ Idem, pp. 77-78.
- ¹² Ibidem.
- ¹³ Ibidem, p. 102.
- ¹⁴ Ibidem, p. 114.
- ¹⁵ Julio Cortazar (1967), 2008, op. cit., p. 11.
- ¹⁶ Idem, p. 35.
- ¹⁷ Ibidem, p. 161. De Anton Arrufat, “Escritos nas portas”.
- ¹⁸ Julio Cortazar (1969), 2008, op. cit., p. 87.
- ¹⁹ Julio Cortazar (1967), 2008, op. cit., pp. 167-168.
- ²⁰ Roberto Piva. *20 poemas com brócoli*. São Paulo, Massao Ohno/Roswitha Kempf, 1981, p. 74.
- ²¹ Guimarães Rosa. “A terceira margem do rio” in *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1977, pp. 27-28.
- ²² René Char. “Que ele viva!” in *O nu perdido e outros poemas*. Tradução de Contador Borges. São Paulo, Iluminuras, 1995, p. 91.
- ²³ Oscar Wilde. *The picture of Dorian Gray*. Londres, Penguin Books, 2006, p. 98. [Tradução do trecho escolhido por Andre Degenszajn].
- ²⁴ Fernando Paixão. *Fogo dos rios*. São Paulo, Brasiliense, 1991, p. 35.
- ²⁵ Gilles Deleuze. *Conversações*. Tradução de Peter Pal Pélbart. São Paulo, Editora 34, 1992, p. 224.

Limiares da liberdade

- ²⁶ Loïc Wacquant. *As duas faces do gueto*. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo, Boitempo, 2008, pp. 78-80.
- ²⁷ Idem.
- ²⁸ Ibidem.
- ²⁹ Albert Camus. *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2003, p. 284.
- ³⁰ Hakim Bey. *Caos*. Tradução de Patrícia Decia e Renato Resende. São Paulo, Conrad, 2003, p. 88.
- ³¹ Alexander Soljenitsin. *Arquipélago Gulag*. Tradução de Francisco Ferreira, Maria M. Llistó e José A. Seabra. São Paulo, Circulo do Livro, 1975, pp. 15-16.
- ³² Idem, pp. 467-468.
- ³³ Ibidem, p. 478.
- ³⁴ Ibidem, pp. 479-480.
- ³⁵ Terezín (Theresienstadt) Concentration Camp. Disponível em: <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/terezin.html> (acesso em: 15/02/2009). Tradução do inglês por Beatriz Scigliano.
- ³⁶ Pedro Catalo. “Subsídios para a história do movimento social no Brasil” in *Revista Verve*, vol. 11, São Paulo, Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP), 2007, p. 25.
- ³⁷ E. E. Cummings. *Eu: seis conferências*. Tradução de Cecília Rego Pinheiro. Lisboa, Assírio & Alvim, 2003. p. 76.
- ³⁸ Anne Aplebaum. *Gulag: Uma História dos Campos de Prisioneiros Soviéticos*. Tradução de Mário Vilela e Ibraíma da Fonte. Rio de Janeiro, Ediouro, 2003, pp. 374-376.
- ³⁹ Idem, p. 119.
- ⁴⁰ Samuel Beckett. *Fim de partida*. Tradução de Fábio de Souza Andrade. São Paulo, Cosac e Naify, 2002, p. 86.
- ⁴¹ Oscar Wilde. *Alma do homem sob o socialismo e escritos do cárcere*. Tradução de Heitor Ferreira da Costa. Porto Alegre, LP&M, 1983, pp. 13-14.
- ⁴² Friedrich Nietzsche. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998, pp. 75-77.

- ⁴³ Arleth 99. “Baratas, percevejos, eleições e afins” in *Revista Libertárias*, vol. 4: *Rebeldias*, São Paulo, 1998, pp.77-78. (Ligeiramente modificado; “Arleth 99” foi pseudônimo de Salete Oliveira — N. A.).
- ⁴⁴ Maria Lacerda de Moura. “A política não me interessa” in *Revista Verve*, vol. 10. São Paulo, Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP), 2006, p. 235.
- ⁴⁵ Michel Foucault. “O sujeito e o poder” in Hubert Dreyfus e Paul Rabinow. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995, p. 239.
- ⁴⁶ Edson Passetti. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo, Cortez, 2003, p. 251.
- ⁴⁷ *Crise? Credo!*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0802200907.htm> (acesso em: 8/02/2009). Seleção dos autores.
- ⁴⁸ Nise da Silveira *Apud* Bernardo Carneiro Horta. *Nise, arqueóloga dos mares*. Rio de Janeiro, Edições do autor/Biblioteca Nacional, 2008, pp. 156-288-289.
- ⁴⁹ Roberta Imbiriba Salgado. “Poema-objeto” (poema integrante do ambiente Tropicália, de Hélio Oiticica, 1967).
- ⁵⁰ Virna Teixeira. “Migrante” in *Distância*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2005, p. 15.
- ⁵¹ Konstantinos Kaváfis. “À espera dos bárbaros” in *Poemas*. Tradução de José Paulo Paes. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, pp. 106-107.
- ⁵² Roberto Bolaño. *Os detetives selvagens*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, p. 571.
- ⁵³ João Guimarães Rosa. “Bibliocausto” in *Magma*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1997, pp. 138-139.

Indicado para publicação em 25 de junho de 2009.

Limiaries da liberdade

limiaries da liberdade**aula-teatro 5**

Nu-Sol. Núcleo de Sociabilidade Libertária
8 e 9 de junho às 19:30 horas.

Tucarena

Rua Monte Alegre, 1024

Entrada gratuita. Retirada de ingressos no dia das 18 às 19 horas.

Em abril de 2007, o Nu-Sol apresentou sua primeira aula-teatro *Emma Goldman na Revolução Russa*. Seguiram-se nos demais semestres, *Eu, Emile Henry*, *FOUCAULT* e *Estamos todos presos*.

Aula-teatro é um inacabado ensaio, mutável e problematizador de existências. Cada apresentação provoca revisões, acréscimos, supressões, invenções. Aula-teatro não é teatro, não é aula; é aula e teatro livres de programa e de representação. Aula-teatro é uma maneira de apresentar diferenças.

limiaries da liberdade, aula-teatro 5, decorre da continuidade das pesquisas do Nu-Sol sobre liberações e libertações. O material coletado e escolhido foi mais uma vez encaminhado para escrita de Edson Passetti e Acácio Augusto. Em seguida, iniciamos os ensaios que nos instigaram a produzir acréscimos e reduções conjuntas na dramaturgia, acompanhados de experimentações com dança e elaboração de trilha sonora.

Aula-teatro 5, *limiaries da liberdade* é uma *ação direta* do Nu-Sol. Andamos com cronópios; atravessamos guetos, campos de concentração e de extermínio para fertilizar a vida livre; encontramos com filósofos, eleições, sonhos, conformismos e subversões para situar, sem medos, pés livres, mãos dadas, olhos e corações bem abertos.